MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

# REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

N.2

1938

RIO DE JANEIRO

# ALGUNS ASPETOS DA CULTURA ARTISTICA DOS PANCARÚS DE TACARATÚ

(*Indios dos sertões de Pernambuco*)

§ 1

Em missão do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, cujos serviços se acham a cargo do dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade, passei as minhas férias de junho de 1937 entre as populações primitivas do Brejo-dos-Padres, no município de Tacaratú.

Após três dias de viagem e um percurso de cêrca de quinhentos quilômetros, por estradas em muitos trechos quasi intransitaveis, cheguei a Tacaratú, cidadezinha de pouco mais de mil habitantes, situada em uma altitude de duzentos e setenta metros, a 9.° 4' de lat. S. e 38° 19' de long. W. Grw. A região embora enquadrada na zona sertaneja de Pernambuco é de cultura brejeira.

Tacaratú é a terra de eleição da mandioca. Vi alguns espécimes de feição reconhecidamente arbórea. Mas os agricultores do lugar empregam os processos mais incipientes no plantio da *Manihot utilissima*. A reprodução dessa planta por via agâmica, por exemplo, lembra páginas de Anchieta ou de Gandavo, ao mesmo tempo que as engenhocas de produzir farinha, com seus coxos, com suas prensas, com seus caitetús, etc., são, por assim dizer, contemporâneas do periodo inicial da colonização portuguesa.

A rapadura, — o açúcar sertanejo, — tambem constitue um importante produto da zona de Tacaratú. Como aconteceu com a mandioca, a técnica da fabricação do açúcar é elementarissima. Contemplando o movimento das passadeiras, dos foguistas, das almanjarras, tive a impressão de estar lendo um capítulo de Antonil.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

Uma industria caracteristica de Tacaratú é a das rêdes, cujo empório principal fica em Caraibeiras. Do mesmo modo que com a farinha e a rapadura, a confecção dessas camas sertanejas obedece a normas primitivas e tradicionais.

§ 2

A aldeia dos pancarús acha-se situada a seis quilômetros da séde municipal, em posição SW., no lugar chamado de Brejo-dos-Padres. Brejo-dos-Padres é um aglomerado de habitações rústicas, espalhadas pelas fraldas da serra de Tacaratú, contraforte de Borborema.

Os Pancarús, em número talvez inferior a mil, ocupam uma légua em quadro das terras, ou seja, aproximadamente, duzentos e cincoenta quilômetros quadrados. A viagem entre a cidade de Tacaratú e o povoado do Brejo-dos-Padres faz-se a pé ou a cavalo, pois, para transpor a serra, é preciso vencer um caminho íngreme, estreito e tortuoso.

Acreditava-se que os pancarús pertencessem ao grupo cultural-linguistico dos cariris. No seu *Dicionario Corográfico*, Sebastião de Vasconcelos Galvão, em cuja autoridade nem sempre se pode confiar, diz que primitivamente Tacaratú era uma grande maloca de indios bravíos "pancurucús, umaus, vouvés e jeriticós", todos do mesmo grupo acima referido. A maloca denominava-se Canabrava (Pindaé). Tais indios, posteriormente, foram aldeados no Brejo-dos-Padres pelos congregados de São Filipe Nery. Frei Vital de Frescarolo, em documento datado de 1802, refere-se aos gentios da capela de Jeriticó, na ribeira de Moxotó. Mas não diz a que grupo pertence o gentio. Falando com alguns velhos indígenas do Brejo-dos-Padres, obtive a informação de que sua antiga aldeia tinha o nome de Jiripancó. Jiripancó, Jeritacó, jeriticós são, provavelmente, variações do mesmo nome.

Tradições orais informam que os pancarús (tambem chamados pancararús) são provenientes do lugar chamado Curral-dos-Bois, hoje Santo Antonio-da-Gloria, na Baía, sendo depois aldeados por dois padres oratorianos. Daí o nome de Brejo-dos-Padres.

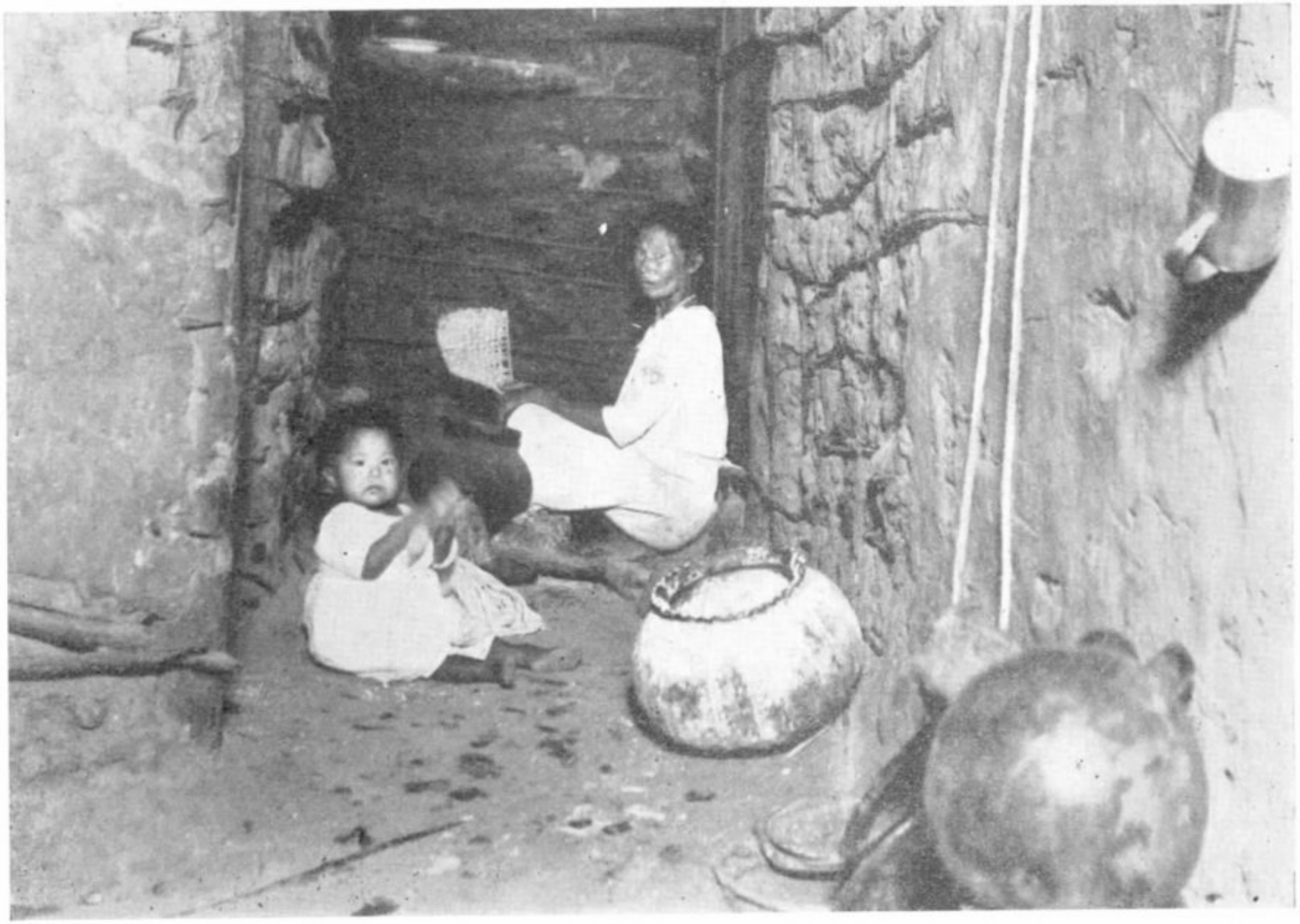


*Fig. 1 — INTERIOR DE UMA HABITAÇÃO PANCARÚ*

*O mobiliário das habitações dos pancarús é muito tosco e elementar. O forno está constituido apenas por algumas pedras postas em circulo. Os terens são atirados ao chão, ou pendurados pelas paredes e giraus.*

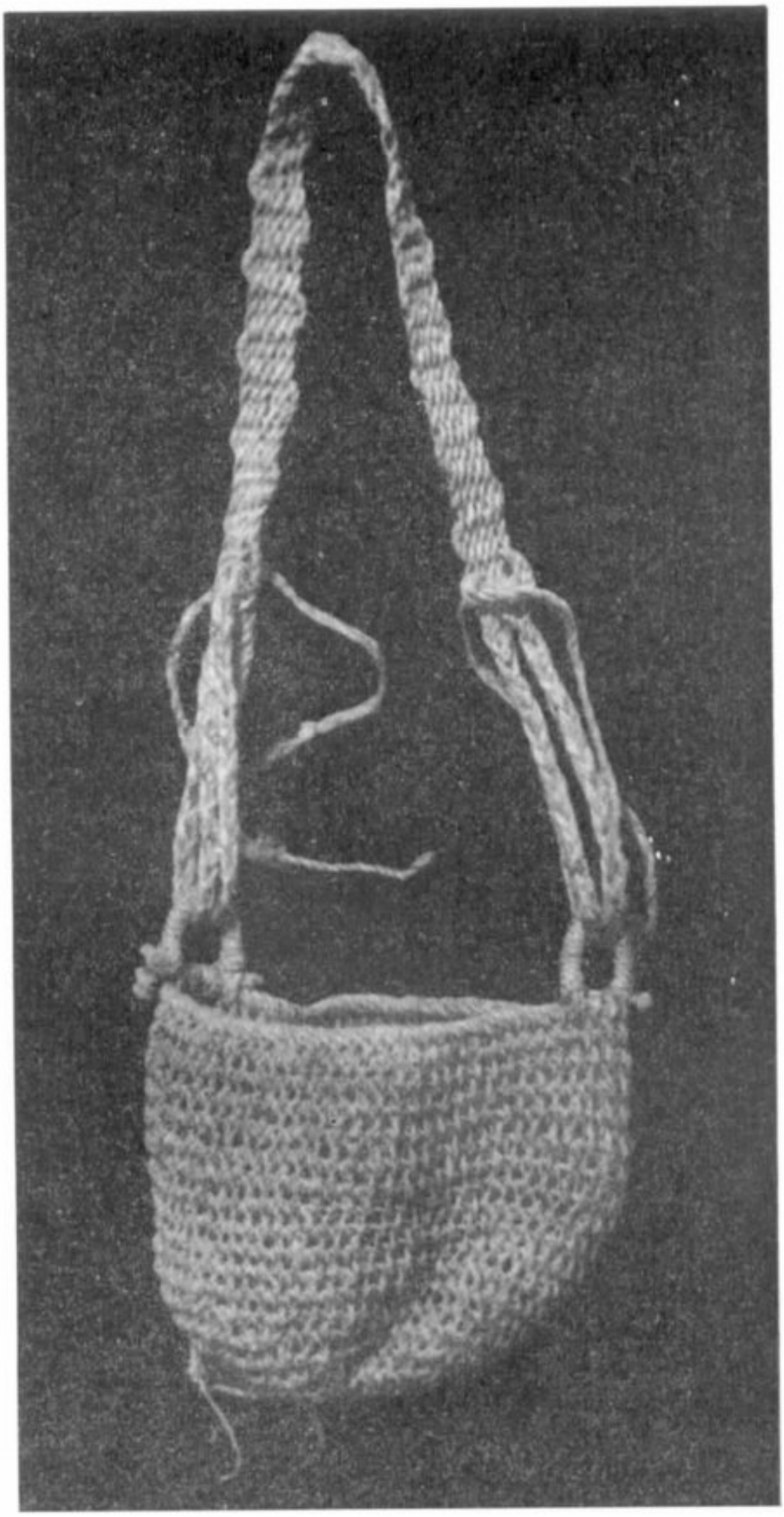


*Fig. 2 — BORNAL*

*Os pancarús, quando caçam, levam a tiracolo bornais fabricados com fibras de caroá.*

Ao Brejo-dos-Padres vieram ter, posteriormente, alguns indios da Serra-Negra, de Aguas Belas, do Colégio, do sertão de Rodelas.

Todos esses fatos não esclarecem e antes embaraçam o problema da filiação linguística dos pancarús. *Tacaratú* é voz túpica (Montoya, Alfredo de Carvalho). Do mesmo modo *Pindaé*. Por outro lado, não se pode estabelecer com segurança a classificação dos nomes *pancarú* e *jiripancó* (ou *jeritacó*, ou *jeriticó*). Por sua cultura, todavia, ver-se-á que os pancarús do Brejo-dos-Padres parecem ser remanescentes dos gês, embora, hoje em dia, já estejam bastante mesclados com muitos outros tipos filiados a grupos cultural- linguísticos diferentes (tupis, negros e outros).

§ 3

Sociólogicamente falando, os pancarús estão *degenerados*, isto é, perderam o que Gilberto Freyre chama, com apôio em Pitt-Rivers, o "potencial, o *élan*, o ritmo, a capacidade construtora da cultura". Os gês possuiam traços culturais caracteristicos, tais como, o avental de tufo de ervas (tapuias do nordêste), a palheta de arremessar, a lança, o forno subterrâneo, a tonsura em forma de prato, etc. Também são característicos dos gês a ausência de bebidas fermentadas, a tatuagem em forma rudimentar, a inferioridade da arte plumaria e o desconhecimento da agricultura e da cerâmica. A indústria da tecelagem era ainda pouco adiantada nesse grupo, assim como a técnica da construção das cabanas.

Naturalmente, vários dêsses traços culturais desapareceram entre os pancarús, diluídos ou diferenciados. Muitos outros, entretanto, são surpreendidos e apanhados em verdadeiro flagrante.

Os antigos tapuias viviam, em geral, no sertão e não tinham "aldeias nem casas para viveram nelas", segundo uma frase do autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Suas habitações eram propriamente toldos contra o sol e a chuva, feitos de folhagens (Herckmans), ou de peles de veado estendidas em quatro forquilhas (fr. Vicente do Salvador). Gabriel Soares de Sousa afirma mesmo que os guaianás viviam em "covas" ou choças subterrâneas. Os puris moravam em verdadeiros abrigos (Wied-Neuwied). Tes-

chauer informa que as casas dos coroados eram ranchinhos miseraveis, sem mais porta ou janela que uma tosca tábua ou uns ramos de palmeira. Relativamente à habitação, os pancarús aproximam-se muito dos gês. Numerosas familias dêsse grupo acolhem-se em choupanas, que são, ao que parece, abrigos arcaicos, ou em choças de palha de ouricuri ou cana de açúcar, com portas e janelas do mesmo material, quasi sempre sem nenhuma divisão interna. As cabanas, demais, acham-se dispersas e não formam, na realidade, aldeamentos ou povoações. O mobiliario não é menos elementar e rústico. (Fig. 1). Alguns indios pancarús dormem diretamente no solo, como os coroados, ou em simples palhas, à semelhança dos caingangues de São Paulo, que se deitam em leitos de folhas mortas. (1) O catre, que é um elemento cultural comum às tribus gês do Brasil (camacãs, penhames, capoxós, maxacalis, cherentes), — também se encontra frequentemente entre essas populações primitivas de Pernambuco.

A tecelagem, parece, não era conhecida dos gês. Conhecem-se, hoje em dia, os caingangues e os aueicomas, mas por influência exótica. O tear aueicoma, aliás, é rudimentar e de tipo diferente do usado pelas tribus túpicas. No tempo dos holandezes (sec. XVII) encontrava-se o uso da rêde entre os tapuias do nordeste (Roulox Baro, Herckmans); mas, como acontece entre os aueicomas e os caingangues, êsse elemento cultural devia ter sido introduzido no seio das comunidades tapuias por intercambio de outras tribus extranhas ao grupo. A fabricação das cordas e *filets* para o transporte de objétos e mantimentos constitue, mesmo em nossos dias, a industria peculiar aos botocudos (fibras de tucum ou de caraguatá, curtidas na água). A respeito do trançado gê quasi nada se sabe. Algumas tribus dêsse grupo, entretanto, usam balaios revestidos interiormente de cera virgem (Simoens da Silva, J. M. de Paula, Vogt), — os primeiros passos, sem dúvida, na arte da cerâmica.

---

(1) — Ch. C. Teschauer, **Poranduba riograndense**, pag. 325, Porto Alegre 1929 e H. V. Ihering, "A Antropologia do Estado de S. Paulo", em Rev. do Museu Paulista, VII, 1907.

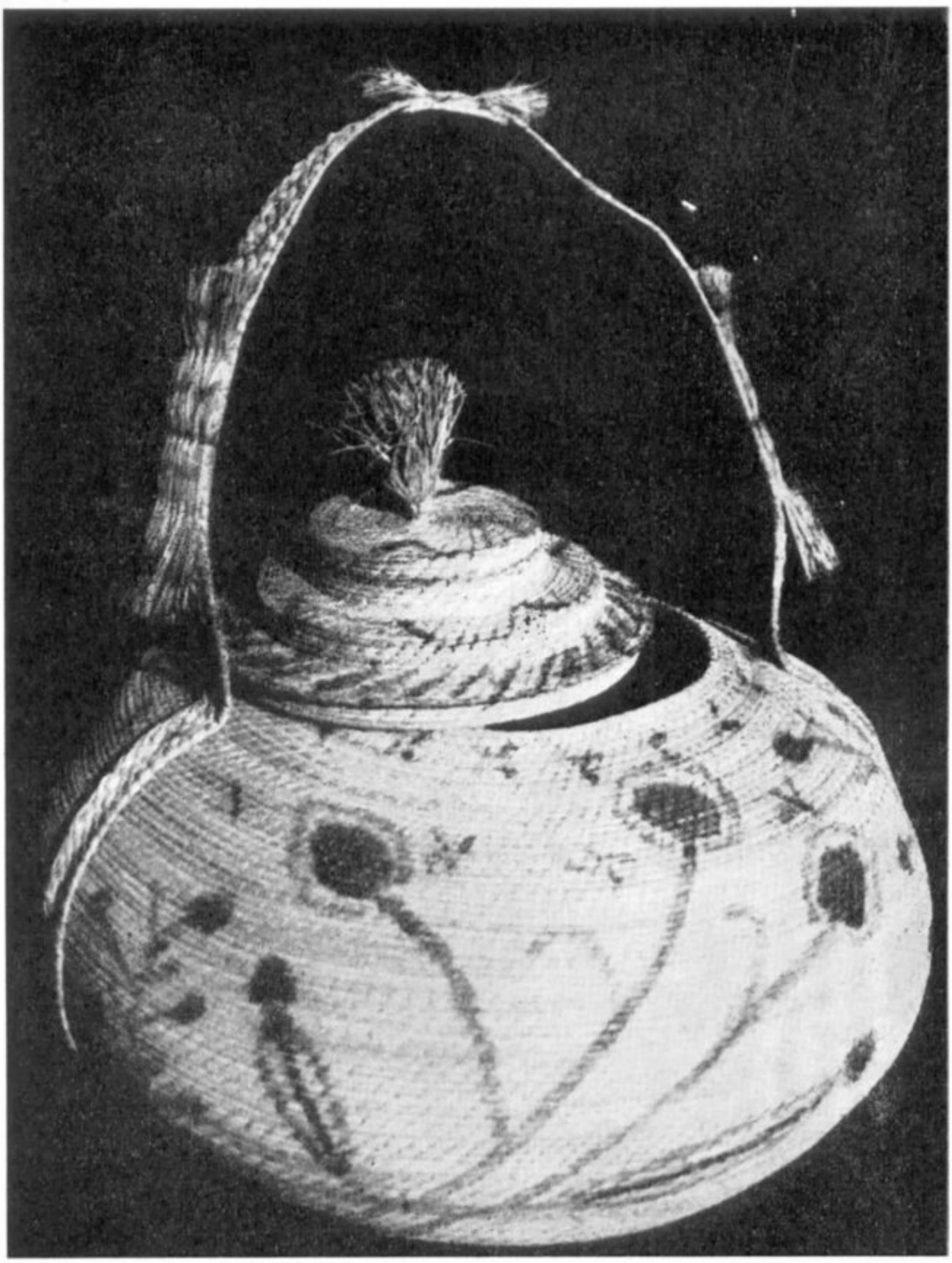


*Fig. 3 — CESTA*

*Outro espécime de industria doméstica dos pancarús. É uma cesta de fibras vegetais. As pinturas foram feitas com o taá.*

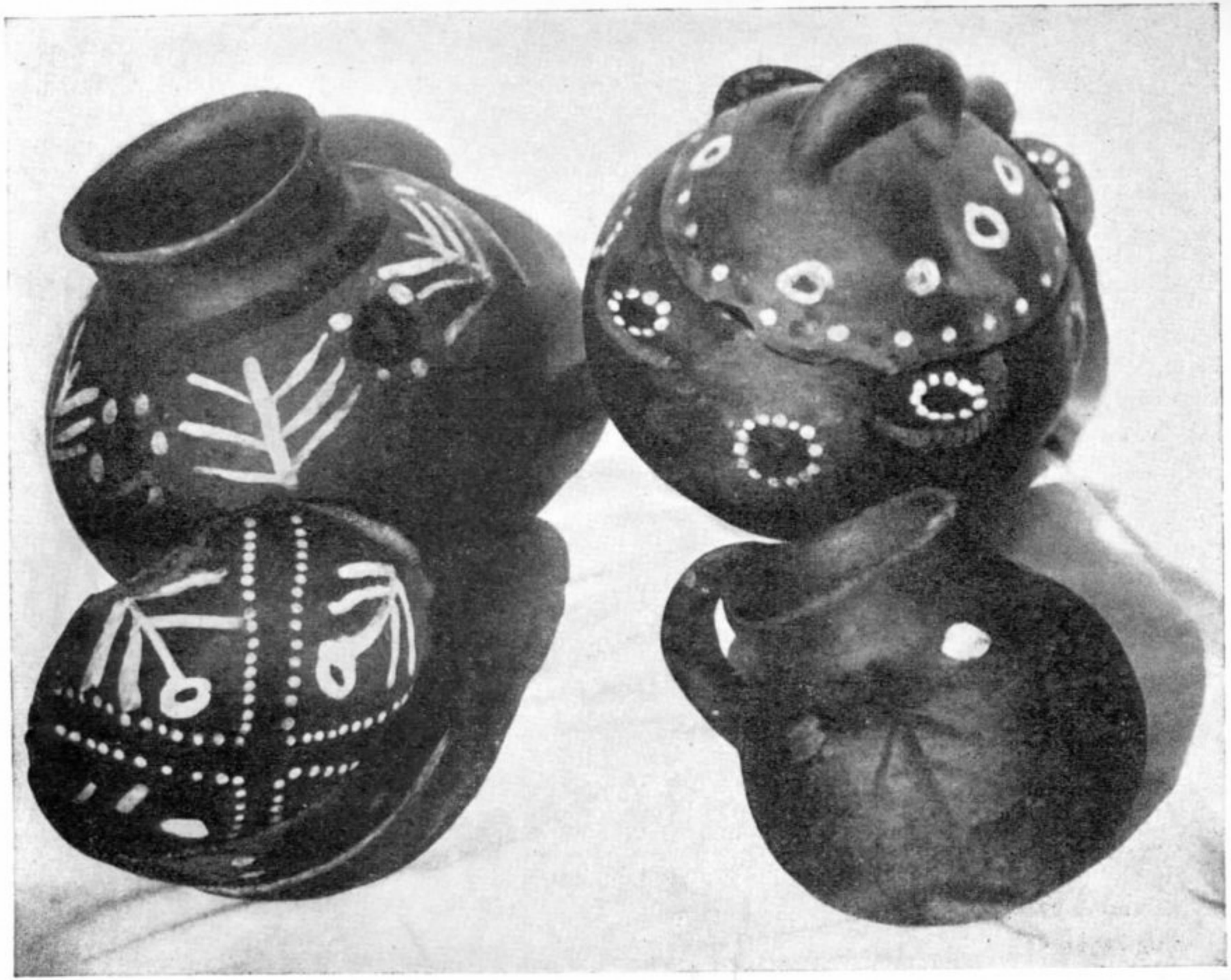


*Fig. 4 — OLARIA DOS PANCARÚS*

*A indústria olar dos pancarús é muito primitiva e singulariza-se pela simplicidade das formas e pela ausência das grandes cubas destinadas às bebidas*

Muito embora a fabricação das rêdes seja uma indústria propria de numerosas populações do municipio de Tacaratú, não encontrei a tecelagem entre os pancarús do Brejo-dos-Padres.

Outrora, segundo informações orais, faziam êsses indios rêdes de corda. E' possivel que, em outros tempos, alguns grupos indígenas do nordeste produzissem tecidos de caroá, pois Carlos Estêvão de Oliveira encontrou na Furna do Padre, à margem do S. Francisco, uma necrópole indiana e nela restos de tecidos feitos com essa excelente matéria.

Atualmente, os pancarús empregam o ouricuri e o caroá na fabricação das mascaras rituais, dos chapéus, dos cestos, dos balaios, das urupemas, das vassouras, das bolsas e das cordas destinadas a misteres vários. (Fig. 2).

A técnica mais usual aplicada por êles é a chamada "em espiral" (*coiled ou Spiraltechnik*). Nimuendajú encontrou a *Spiraltechnik* entre os mundurucús, tupís nitidamente amazonicos, o que causou extranheza a Métraux. (Fig. 3). Considerava-se esse processo um dos mais elementares e indicativo da protucultura do ciclo tasmanóide (Imbelloni). Como se pode verificar, o mapa da distribuição geografica da cestaria, organizado por Clark Wissler, é incompleto : faltaram-lhe, de-certo, os dados relativos às tribus das regiões sul e oriental do Brasil.

A ceramica era desconhecida entre os tapuias do nordeste brasileiro. A olaria encontrada entre os gês atuais mostra ser de origem moderna. E' uma olaria singularizada pela técnica atrasada, pela simplicidade das formas e pela ausência das grandes cubas destinadas às bebidas. A industria pancarú dos potes, pratos, alguidares, panelas, chaleiras e chicaras de barro, algumas vezes adornados com o tauá, é quasi nula. (Fig. 4). Êsses indios aproveitam os coités para a fabricação de cuias e maracás.

Não desprezam os pancarús a caça. Encontrei-os muitas vezes, pelos matos, acompanhados dos cães, armado de arcos e flechas. Os arcos são de pau de espinheiro vermelho, de secção semicircular (arco *brasileiro-setentrional* de H. Meyer), com cordas de algodão ou de caroá, de ligação simples e direta. Duas penas de maracanã ou de galinha, inteiras, presas no ápice e na base, consti-

tuem a emplumação mais comum. A emplumação tangencial é, segundo Métraux, de caráter primitivo. Mas tambem empregam os pancarús penas divididas ao meio e amarradas em hélice. O *flecheiro* fornece as hastes e o *pereiro*, ou a *preaca do espinheiro*, as pontas. Quando querem apanhar pássaros pequenos, empregam flechas de quatro pontas.

§ 4

Os caboclos do Brejo-dos-Padres vivem em um regime acentuadamente democrático. O tuxaua não é hereditário, mas eleito pela comunidade. Quando o chefe atinge a decrepitude, escolhe-se um substituto: sua palavra, todavia, ainda continua a ser acatada, sobretudo ao tratar-se de assuntos religiosos. Parece que as velhas mulheres, na tribu, exercem, tambem, o papel de pagés. Encontrei uma delas, já centenaria, que se encarregava de curar os enfermos, de "tirar o atraso" e de exercer outras práticas mágicas (atrair as chuvas, por exemplo, no tempo das soalheiras). O fumo exerce papel importante nos exorcismos. Com êle, a velha fumiga os visitantes, extranhos à aldeia, afim de torna-los imunes e sagrados, com seu cachimbo de barro. O fumo é aceso com isqueiros de pedra.

Os *praiás*, dansarinos mascarados da tribu, são hereditarios, isto é, devem pertencer às velhas familias fundadoras da comunidade. Após as dansas, devem permanecer reclusos nas choças. Como os costumes indígenas estão profundamente atingidos pela civilização da cidade, os praiás já vão às feiras, "mas (informaram-se) ficam nas pontas das ruas e não chegam aonde tem muita gente".

§ 5

Um dos traços culturais mais interessantes ainda hoje observados entre os pancarús são as suas festas e dansas. Essas festas e dansas tomam vários aspetos, com denominações especiais, tais como, o "toré", o "flechamento do imbú", a "corrida do imbú", o "ajucá", o "puxamento do cipó", e o "menino do rancho". Algumas tomam nomes de animais ("a da cauã, a da "pomba-de banda",

*Fig. 5 — DANSA DOS PRAIAS*
*Um aspeto da dansa dos sacerdotes*

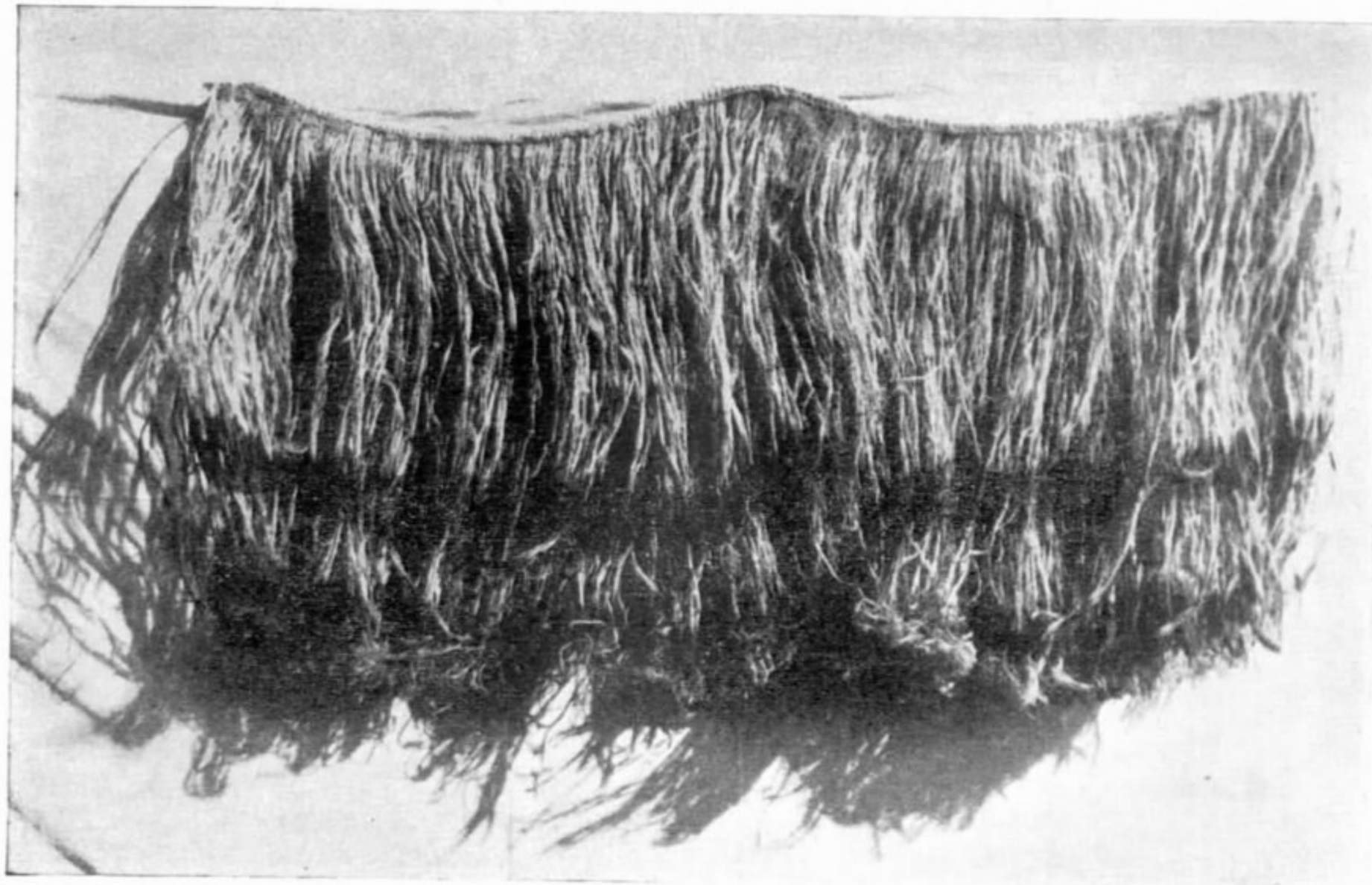


*Fig. 6 — SAIÓTE*

*O saióte é uma peça da máscara e destina-se a cobrir os rins. Os indios fabricam êsse objeto com o mesmo material têxtil do tunã*

a do tamanduá, a do porco, a do peixe, a do sapo, a da tubiba (1), a do boi, a do papagaio, etc.) e nelas imitam-se os respetivos bichos. Na do papagaio p. e., procuram os pancarús reproduzir a voz desses psitacídeos e na do peixe ensaiam as manobras da pescaria. O totemismo tem uma vasta distribuição geografica, — só entre os aruaques Everhard Im Thurn encontrou quarenta e sete familias totêmicas, — e, por isso, acredita-se que semelhantes ceremonias estão ligadas a essas crenças. Sobrevivências totêmicas não faltariam entre os gês, pois se sabe que foi um tamanduá quem ensinou os cainganques a dansar e que os apinagés acreditam descender do jamarú.

As dansas do imbú (2) (*Spondias tuberosa, Arruda Camara*), são proprias da época do florescimento da preciosa árvore catingueira. Gabriel Soares de Souza assim a descreve :

> "Ambú é uma árvore pouco alegre à vista, áspera da madeira, e com espinhos como romeira, e do seu tamanho, a qual tem folha miúda. Dá esta árvore umas flôres brancas, e o fruto, do mesmo nome, do tamanho e feição das ameixas brancas, e tem a mesma côr e sabor, e o carôço maior.
>
> Dá-se esta fruta ordinariamente pelo sertão, no mato que se chama catinga... Esta árvore lança das raizes naturais outras raízes tamanhas e da feição de botijas, outras maiores e menores, redondas e compridas como batatas, e acham-se algumas afastadas da árvore cincoenta e sessenta passos, e outras mais ao perto. E para o gentio saber onde estas raizes estão, anda batendo com um paul pelo chão, por cujo tom conhece, onde cava e tira as raizes de três e quatro palmos de alto..."

Os gês deviam ser coletores mais aperfeiçoados do que os tupís, uma vez que desconheciam a agricultura. Era a safra do cajú, se-

---

(1) — Especie de abelha.

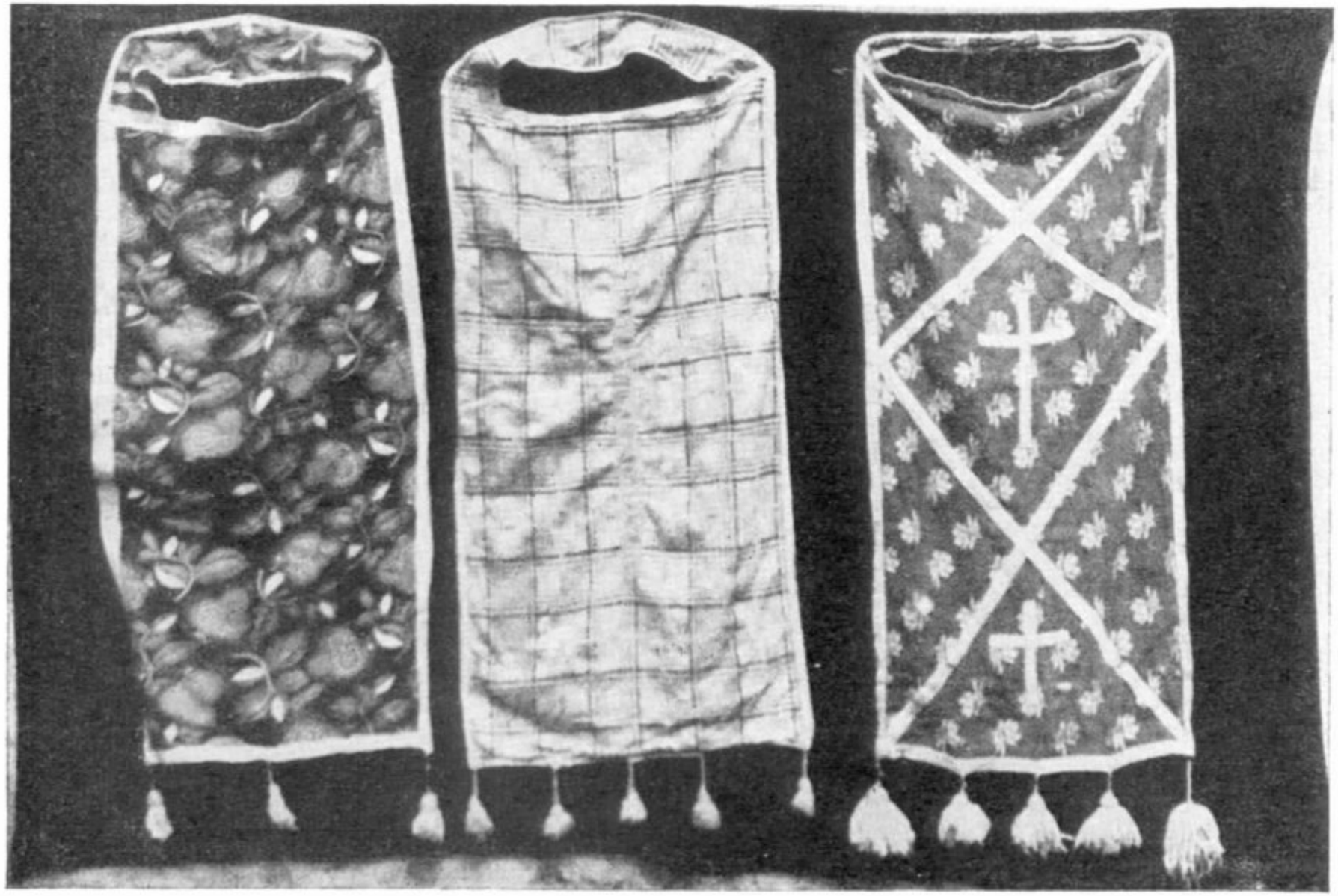
(2) — Ha tambem as formas **umbú** e **ambú**.

gundo Elias Herckmans, que marcava os movimentos deambulatorios dos tapuias das regiões nordestinas. E Eschwege afirma que os coroados passavam, periòdicamente, várias semanas no âmago da floresta, à procura de raízes. O mesmo acontecia com os caingangues de Guarapuava, apaixonados coletores de frutos e tubérculos silvestres.

No Brejo-dos-Padres, as festas do imbú realizam-se quasi sempre no começo do ano (janeiro ou fevereiro), em louvor ao aparecimento da cubiçada planta. Assim que os caboclos encontram um imbú maduro, marcam a árvore com a seta e penduram o fruto, enrolado em paninhos, em um fio preso entre duas forquilhas. Segue-se, então, a cena do "flechamento", na qual os guerreiros, pintados de tauá-branco e tendo à cabeça um capacete de palha de ouricuri, porfiam, um a um, em atingir o fruto sagrado. Quando o arqueiro consegue vitoria, apanha um grosso e resistente cipó, que entrega à sua genitora. Nesse momento a mãe do atirador felizardo confia uma das pontas do cipó aos representantes mais fortes de seu grupo. E' o chamado "puchamento do cipó", jogo em que os contendores de um lado procuram arrastar os adversarios colocados na parte oposta.

O ritual da "corrida" é mais complicado. Executa-se aos sábados, à noite. Na madrugada, algumas virgens vão ao mato encher os cestos de imbús e, de volta, encontram-se com os praiás, no lugar indicado para o ceremonial. Os cestos são depositados em fila, no chão; as donzelas, nessa ocasião, desnudam o tronco e pintam-se com o tauá. O trabalho do corredor consiste em fincar no cesto escolhido a varinha que conduz. Isso feito, segue-se a cena da flagelação mútua entre as mulheres e os homens.

Vestidos com as máscaras rituais, cuja descrição se encontra adiante, os praiás possuem, também, uma dansa caracteristica, que tomou o seu nome. Em uma das mãos, levam o maracá de coité; na outra o bastão adornado de plumas ou de papel. Uma mulher, sentada ao pé dos bailarinos, tira a cantiga melancolica. E' a "cantadeira". Dificilmente pode-se acompanhar todas as fazes da dansa. Algumas vezes em fileiras, outras aos pares ou em roda, aos saltos bruscos ou batendo rudemente com os pés no solo, descre-



*Os pancarús chamam a êsse adôrno de "cinta". As cintas são destinadas a cobrir a*

*Fig. 7 — TÚNICAS DAS MASCARAS*
*parte posterior do tunã.*

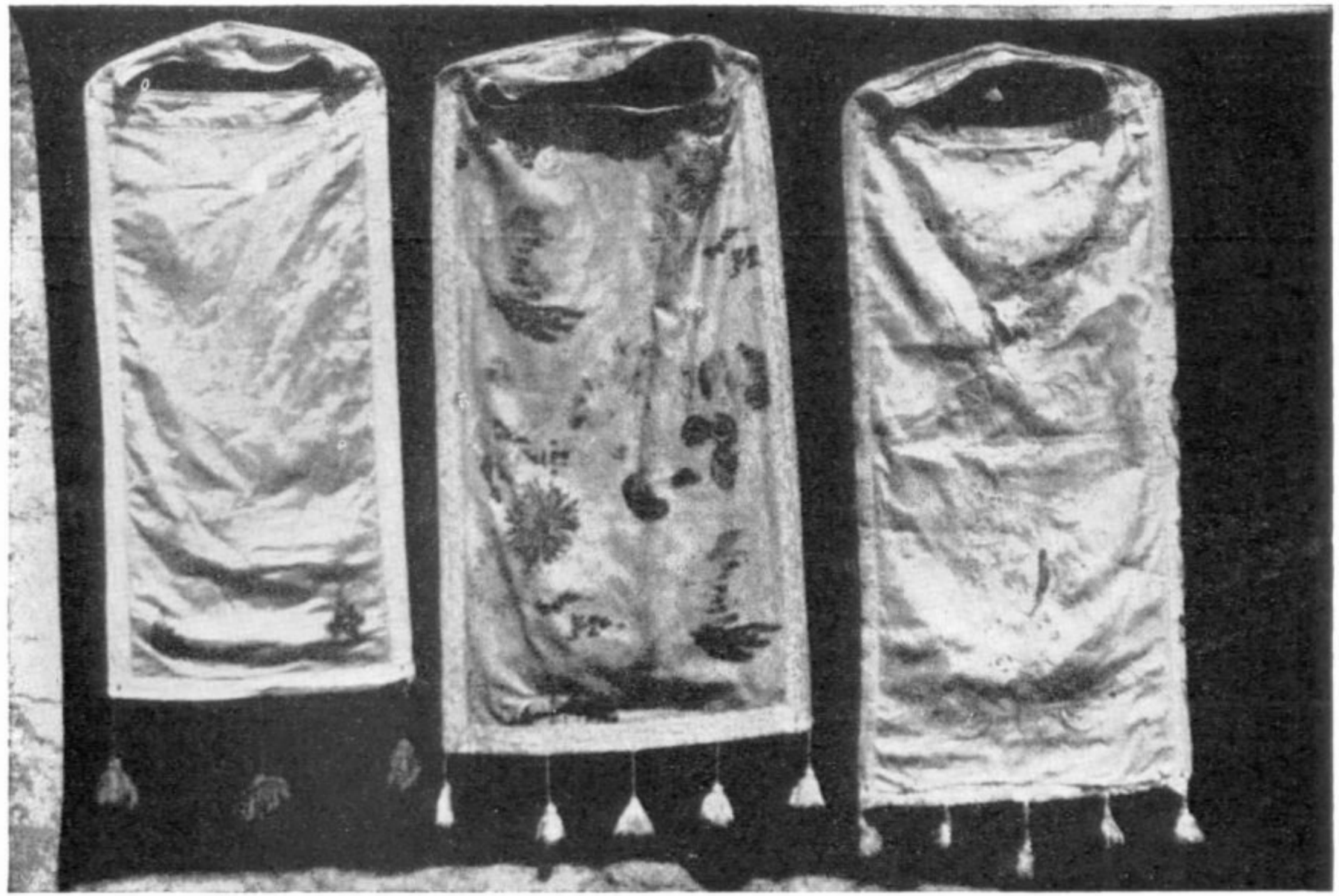


*Fig. 8 — TÚNICAS DAS MASCARAS*
*As cintas ou túnicas são feitas de chitas estampadas ou de outros panos bordados.*

vendo zigue-zagues ou SS, tombando para a direita ou para a esquerda, — os praiás dansam horas a fio. Em certas ocasiões, os bailarinos separam-se em grupos, de braço dado, formam carreira em direção da "cantadeira", junto da qual esbarram de súbito. As loas são sempre acompanhadas de uivos guturais ou de intermináveis "uêêês". (Fig. 5).

No toré, dansa-se em companhia dos praiás ou sem eles. Os dansarinos estão sempre aos pares, ou em grupos de quatro pessôas. Os búzios acompanham as toadas pobres e melancólicas.

A festa do "menino no rancho" destina-se a iniciar as crianças nos segredos da sociedade dos praiás, ou melhor, fazê-los intermediarios entre esses protetores magicos da aldeia e as demais pessôas do grupo social. Os praiás formam uma especie de sociedade secreta e quando se encontram no "poró", ou rancho sagrado, devem evitar o mais possivel o contato com as pessôas estranhas. As crianças iniciadas encarregam-se de fornecer-lhes água, fogo, fumo, etc. Não devem revelar os segredos religiosos, sob pena de dormirem em um catre forrado de urtigas.

Constroi-se, antes de tudo, o rancho e nele coloca-se um menino de cêrca de doze anos. O iniciando está enfeitado com um capacete de ouricuri, pintado de tauá-branco e tem à tiracolo rolos de fumo. Em tôrno do mesmo, postam-se os guardas e padrinhos, armados de cacetes. Começa, então, a ceremonia, que consiste em uma luta entre os praiás e os padrinhos pela posse da criança; a luta termina com a destruição do rancho e a vitoria dos sacerdotes, os quais, cantando e dansando, conduzem consigo o futuro praiázinho até a presença de outra criança do sexo feminino.

Da festa do ajucá, finalmente, participam apenas os praiás, os guerreiros e as velhas cantadeiras. Os privilegiados são conduzidos a um lugar ermo e bem sombreado, cujo solo se forrou com esteiras de ouricurí. No meio do páteo, reservado ao ritual, encontra-se uma lage e sobre ela numerosas raízes de jurema. Raspada e lavada, a planta é colocada em uma coité cheia de agua. Agitando-se a vasilha, forma-se logo a escuma: a bebida está pronta. Nessa ocasião, o tuxaua tira as primeira baforadas do cachimbo; em seguida, o

instrumento sagrado passa a ser usado pelos outros participantes da ceremônia. Tudo isso em meio de cantos e preces dos índios.

A benzedura do ajucá, faz-se com o fumo, que o chefe tira de seu cachimbo. E' tambem o cacique quem bebe o primeiro gole. E, então, chega a vez dos outros : ajoelhados e cabisbaixos, os guerreiros e as cantadeiras saboreiam respeitosamente o miraculoso vinho, proporcionador de belos sonhos. Em um buraco cavado no solo, põe-se o restante da beberragem mistica, que lhes permite comunicar-se com os "encantados".

Varios dos elementos mágico-religiosos componentes das dansas e festas dos pancarús parece que são vestigios de antigos costumes peculiares às tribus gês do Brasil.

Os gês nordestinos, parece que conheciam o cachimbo (Marcgrav) : entre os retratos dos selvagens brasileiros existentes no Museu Etnográfico de Copenhague (séc. XVII), outrora pertencentes à coleção do príncipe Mauricio de Naussau, figura o de um tapuia, que fuma longo cachimbo. Ninguem ignóra as propriedades mágicas do fumo. A mulher coroada, ao parir, era fumigada, juntamente com a criança recém-nascida. Baforadas de fumo com fins propiciatórios eram usadas pelos indios gês de Pernambuco (Barlaeus). Os caingangues sujeitam os cães de caça ao mesmo processo (Ambrosetti). A festa do "menino do rancho" é, talvez, uma reminiscência dos casamentos infantís, fato muito comum às tribus do grupo cultural-lingüístico a que julgo pertencerem os pancarús.

O casamento entre os botocudos, de fato, tem lugar em idade bem juvenil, embora só se realize o ato sexual após a puberdade (Manizer, Tschudi); Urbino Viana, referindo-se aos acuens ou cherentes, escreve : "A união sexual..... é resolvida quando o macho, em todo o seu vigor viril, está apto para a procriação. Esta idade, êles a consideram dos vinte e cinco anos em diante; até ai o moço é criado com o máximo cuidado, o que se não dispensa à mulher... Ha casamentos, quando a noiva está bem criança : cinco e seis anos. O noivo espera que a escolhida cheque à puberdade, para a receber como mulher; tomando, desde a época dos desposórios, o

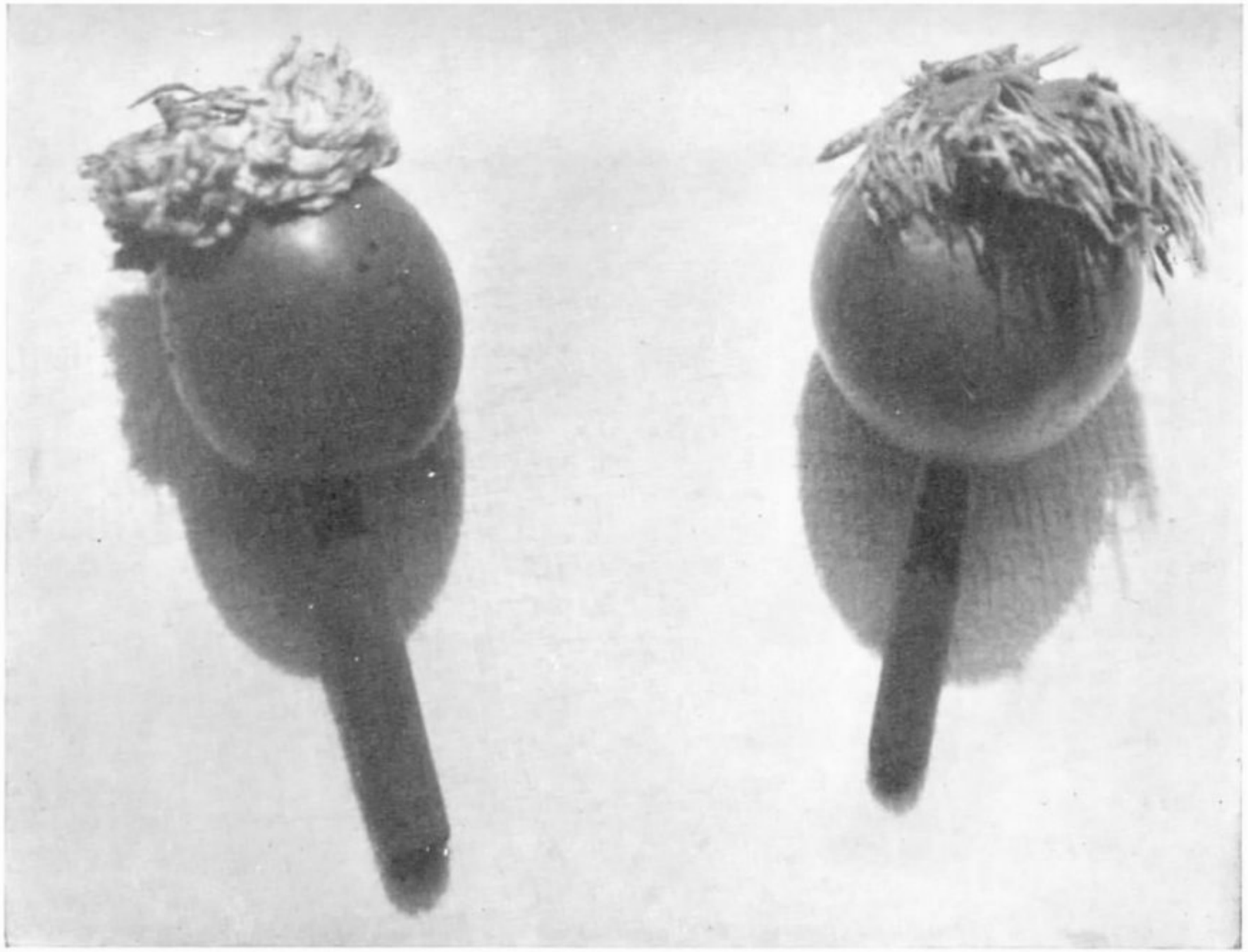


*Fig. 9 — MARACÁS*
*Instrumentos sagrados das dansas, os maracás são adornados na parte superior.*
*Os pancarús fabricam-nos com o coité.*

*Fig. 10 — PRAIÁS MASCARADOS*
*Dois praiás, vestidos com suas máscaras rituais. Vistos de frente.*

encargo de prover a alimentação e vestuario da sua futura mulher, que somente assume esta função quando visitada dos catamênios".

Uma das caracteristicas das antigas dansas tupís era a colocação dos componentes em circulo, sem que se tocassem e mudassem de lugar, exceto no "tempo do cauim", ou quando pretendiam imitar os tapuias. A essa dansa, de origem exótica, chamavam os tupinambás de "*porasseú-tapuí*", o que quer dizer *dansa dos tapuias* "porque era outra a dansa dos tupinambás, sempre em redor e nunca mudando de lugar" explica Yves d'Evreux.

A dansa dos pancarús tem muita semelhança com a dos gês.

§ 6

As mascaras dos pancarús compõe-se de cinco peças :

a) A *máscara* própriamente dita, feita de fibras de caroa-açu ou de ouricuri, com dois furos no lugar dos olhos. O tecido é confeccionado de modo a cobrir inteiramente a cabeça; daí em diante, porém os fios texteis caem, soltos, pelos ombros. Chama-se o tunã.

b) o *saiote*, destinado a cobrir os quadris e as pernas, fabricado com o mesmo material téxtil do tunã (Fig. 6).

c) A *rodela de plumas* de perú, fixa no eixo superior do tunã, que lembra as rosetas usadas pelos tupinambás, — celebres enfeites de guerra construidos com penas de ema, que Lery chama *arasóia* e Hans Staden *enduapes*.

d) O *penacho*, enfeitado de plumas, fixo ao eixo superior do tunã. Algumas vezes, os pancarús substituem a vara emplumada por um galho de planta.

e) A *tunica* de pano, que se põe nas costas do tunã. Os indios dão a esse adorno o nome de "cinta". E' feito de chitas estampadas, ou de panos bordados. (Fig. 7 e 8).

Além dessas peças principais, fazem parte das máscaras o *maracá*, o *bordão de compasso* e a *gaita de marcação*. (Fig. 9).

Vestidos com suas máscaras rituais, os pancarús lembram, de certo modo, os farricocos das procissões da Misericordia, ou os sambenitos, com que se vestiam os penitentes condenados pela Inquisição. (Figs. 10 e 11).

As máscaras-de-dansa são elementos culturais estranhos às tribus indígenas do nordeste. Algumas tribus tupi-guaranis possuem-nas, hoje em dia, mas por influência exótica: os chiriguanos, segundo a opinião de Métraux, adotaram êsses ornamentos ritualísticos quando se puzeram em contáto com os chanés; os auetos, os camaiürás e os oiampís, do mesmo modo, por emprestimo às comunidades vizinhas, sendo que os camaiürás usam também um traje particular (1). Na relação das tribus tupi-guaranís, que usam máscaras, deve-se incluir os tapirapés : além da máscara, um manto de fibras vegetais cobre quasi todo o corpo do dansarino.

Como explicar a ocorrência das máscaras-de-dansa entre os pancarús ? Numerosas tribus gês usam um manto de urtiga brava, ao dormir ou quando sentem frio. E' o *curú*. Referindo-se aos cainganguès e aos xocrens, assim diz Ambrozetti : — "Quando dispõem de bebidas, dansam êsses indios. Nessa ocasião, pintam-se de preto e vestem estreitas camisas, sem mangas que lhes chegam às nádegas. Ornam a cabeça com um diadema de plumas, de côres vivas, e lançam nas espáduas o curú ou capa de fibras de urtiga. Com o bastão de compasso na mão, põem-se em fila, uns atrás dos outros, e iniciam a dansa". E' possivel que os pancarús empregassem, primitivamente, um simples manto de caroá, semelhante ao curú, que deixaria a cabeça descoberta. Veio, depois, a idéia de ocultar também a cabeça. Assim teria nascido a máscara.

Rafael Karsten defende a teoria de que as máscaras rituais constituem uma evolução dos adornos plumários. E tanto é isso provavel (acrescenta) que as tribus do Caiarí-Uaupés, antes da introdução dêsse elemento cultural, dansavam com as suas *acanifaras*. Os churapas (chiquitos) possuem mesmo caretas feitas de penas,

---

(1) — A. Métraux, La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani, p. 264, Paris, 1928.

*Fig. 11 — PRAIAS MASCARADOS*
*Os mesmos individuos da fotografia anterior, vistos de costas.*

representativas do sol. Afirma o padre Lacordaire que as máscaras dos oiampis consistem em uma espécie de boné, cuja carcassa se acha enfeitada de penas multicores; uma viseira, também de plumas, esconde parte do rosto. Karsten informa que as máscaras dos cauás (aruaques) e dos cobeuas (tucanos) "*were made of bast, a material which commonly used for magical purposes*". As fibras vegetais representavam um importante papel na cultura dos gês em geral (uma verdadeira civilização da palha). A palha era para os gês o que as plumas eram para os tupis.

A teoria de Karsten tem um grande poder de fascinação quando se tem em vista o caráter mágico do adôrno. "Na vida dos primitivos (escreve R. R. Schmidt (1), os ornamentos corporais, assim como as vestes, constituem elementos impregnados de poder para quem os usa. O adôrno não é só a manifestação do erotismo, mas traduz, sob forma simbolica, todos os desejos... O primeiro esboço da vestimenta foi o disfarce. A caça primitiva exige o traje imitativo do animal. Revestido com a pele do animal, o caçador insinua-se até junto de sua vítima".

Os indígenas da Austrália apenas conhecem a pintura corporal e os disfarces de peles ou folhas, — primeira etapa da máscara, na frase de Montandon. (2)

As máscaras-de-dansa têm uma distribuição geografica quasi universal. Na America do Sul são encontradas entre numerosas tribus e comunidades indígenas, tais como, além das citadas, os onas, os lênguas, os bacairís, os carajás, os meinacús, os tecunas, os bororós, os uaupés, etc. Uma numerosa bibliografia já enche as estantes dos estudiosos da etnografia e da sociologia : são as obras de Dall, de Pleyte, de A. Bastian, de Meyer, de Stevenson, de Koch-Grunberg, de Hamy, de Frobenius e de tantos outros. Segundo os seus fins, elas são geralmente rituais ou mágicas, bastando lembrar que a palavra máscara origina-se do baixo latim, *mascha*, que significa feiticeira.

---

(1) — L'aurore de l'esprit Humain, p. 137 e 140, Paris 1936.
(2) — Traité d'Ethnologie Culturelle, Pag. 728 — Paris 1934.

§ 7

Quasi todos os traços culturais dos pancarús, inclusive os de interesse artistico, aqui destacados, parecem indicar que essas populações primitivas de Pernambuco pertencem ao grupo dos gês ou tapuias. A habitação arcaica, o uso do catre, a ausência de tecelagem, a cordoaria, a olaria pobre, a agricultura em pequena escala, a técnica da emplumação, os elementos da tradição do diluvio, as dansas, o vestigio dos casamentos infantis. Linguisticamente, as conclusões não se orientam em idêntico sentido, pois são poucos os vocábulos gês que sobreviveram à fuzão com os fulniós e os tupís. Esse fato, entretanto, não invalida a minha teoria, porquanto os boruns, que são gês, adotaram, no dizer de Paul Rivet, a lingua dos Tupís; igual fenômeno teria ocorrido com algumas tribus guaianás (Azara) e com os tapes (Teschauer). Nordenskiôld descobriu que a lingua primitiva dos chanés era o aruaque e que, pela cultura, os tapietés estavam filiados aos matacos. Tanto os chanés, como os tapietés, são hoje tribus *guaranizadas*. Os mirânias, enfim, possuem uma infinidade de palavras pertencentes a outros idiomas.

Assim poderia, também, ter acontecido com os pancarús.

*Estevão Pinto.*